

Tuxauas do Marau contrários a nova cobrança da Braselfa



Eles recebem ajuda da merenda escolar e do INAM.

Índigenas no Brasil

Class.:

145

Pg.:

04

1184

1184

Os tuxauas das aldeias do município de Maués, ao se manifestarem no encontro no Posto Indígena do Marau, condenaram a atitude do seu conterrâneo Raimundo Ferreira da Silva, o Dico, que procura dividir a tribo, ao querer fazer nova cobrança de indenização da Braselfa, que esteve durante 14 meses realizando pesquisas sísmicas nas reservas.

No encontro da última quarta-feira, o tradicional barracão da base do Marau ficou lotado com a presença dos indígenas representando as variadas aldeias localizadas na reserva, pois anteriormente o delegado da Funai e os jornalistas já tinham visitado o Posto Indígena do Andirá.

Os líderes das aldeias preferiram manifestar-se no dialeto Sateré-Mawé, pois assim encontrariam facilidades de dizer o que sentiam, sendo traduzidos pelo capitão geral Aristides Michiles, e de vez em quando, se ouvia a manifestação geral, com o grito típico indígena.

DEPOIMENTOS

Os depoimentos dos tuxauas no encontro foram sempre condenando a atitude de Raimundo Ferreira da Silva, o Dico, sendo que alguns deles chegaram mesmo a pedir a sua prisão. Entusiasmados, os líderes, apoiados por seus companheiros, disseram

aquilo que sentiam sem temor conforme poderemos constatar pelas suas próprias palavras.

Anibal, do Campo do Meriti, foi o primeiro tuxaua a se manifestar. Ele é filho do falecido coronel Hortêncio de Oliveira, primo do Dico. Ele disse que ao ver uma coisa que não está certa, vai à frente e toma a barreira. Ele ouviu também a notícia de que o delegado da Funai iria ser preso. "Então a tribo se preocupou - acentuou -, o que estaria acontecendo. Nesse momento, damos graças a Deus, estarmos ao lado do delegado da Funai que nos tem ajudado bastante, então não temos motivos ou meio de falarmos da Funai. Nós agradecemos a Funai, pela assistência, a educação, a saúde, que nos momentos de perigo está pronta a nos dar a mão. A tribo está pensando assim, nesse encontro, que cada índio sai com o coração feliz. Desabafado, por que agora, é o dia e a hora de acabar essa questão, esse problema".

DENÚNCIA

O índio Colombo, revelou outro problema envolvendo Raimundo Ferreira da Silva, o Dico que aconteceu em 1968. O fato narrado foi de que um pastor, da missão adventista mandou Cr\$ 4 milhões para construir uma igreja. "Ninguém soube para onde foi esse dinheiro", prosseguiu,

Com a chegada de outras pessoas da igreja, perguntaram ao cacique Manoel Michiles se ele havia recebido o dinheiro mandado pelo pastor Correia, dos Estados Unidos, respondeu que não, afirmando que havia gasto o dinheiro, comendo e vestindo, luxando com esse dinheiro. Desde o princípio o trabalho dele (Dico) é assim. "Agora, a tribo está pedindo para largar ele de mão, desprezá-lo completamente", afirmou Colombo. "É o desejo da tribo", havendo nesse momento a manifestação de todos os presentes no barracão.

O cacique Manuel Michiles, carinhosamente chamado de "Vovô" mandou uma carta naquela altura dizendo que não havia recebido o dinheiro. Foi necessário que fosse enviado nova soma para a construção da igreja da aldeia Nova Esperança.

E acrescentou o índio Colombo: "Então é por isso que a tribo não quer mais o Dico. Que desapareça de minha vista. O Dico estudou lá fora, em Pernambuco. Mas eu acho que ele não foi bem educado. Se foi educado, mas a falar dos outros, principalmente da Funai, do nosso delegado. Eu que escuto rádio, acho que chegará ao ponto de bater no delegado. Na reunião do dia 6 de janeiro, ele só falou que a Funai não presta; que

não dá nada, que o delegado não ajuda em nada; que o Walmir (chefe do posto) não presta. Mas eu não acho motivo de falar. Eu agradeço ao Walmir. É um homem que luta pela minha tribo. Estamos de mãos dadas, inclusive viajando de noite, levando doente, tudo isso ele tem feito. Fiquei muito pensativo sobre o assunto, indo ao chefe geral do posto, o tuxaua Cazuza para chamar o delegado para nos ouvir, a palavra do povo, dos tuxauas legítimos. Então Dico é um homem que não é direito, sendo isso reconhecido pela tribo".

O líder da aldeia Nazaré, Targino Ribeiro, narrou que o índio não está sabendo de nada, só sabe das notícias pelos jornais, uma vez que "estamos trabalhando no roçado e isso cria problemas para a tribo" ao comentar a atitude do Dico, ao tentar dividir a tribo, e fazer nova cobrança.

Luiz da Silva, da aldeia Manjuru, também teve a oportunidade de se pronunciar, criticando também a atitude de Dico, afirmando "estou com mágoas dele, pois causou até o prejuízo de um dia de trabalho para virmos a esse encontro". Revelou que Dico só tem criado problemas para a Tribo Sateré-Mawé e por "isso quero esquecê-lo, pois desde o princípio ele não trabalhou, diz

junto a tribo".

Olascio, da aldeia Kumatuba, foi um dos mais inflados tuxauas da reunião. "O Dico deve ser preso" acentuou, "por tudo que ele já fez este ano. A tribo pede a prisão dele". Lembrou outro fato envolvendo o índio Raimundo Ferreira da Silva, que foi os 5 motores da Funai.

E concluiu: "a tribo não quer mais que Dico pegue no dinheiro".

Alexandre da Silva, também de Kumatuba, foi outro que atacou o índio Raimundo Ferreira da Silva, afirmando que "o Dico está roubando o nome da tribo. O que ele escreve para o jornal não é verdade. Ele deve pagar pelas mentiras que divulga. Deve pagar, deve ser preso".

O tuxaua de Cinco Quilos, Pedro Batista, iniciou que o motivo da reunião foi provocado pelo problema criado por Dico, que "está mentindo, roubando o nome dos caciques legítimos da tribo, quanto tudo que disse não é verdade".

José Santana, cacique de Vista Alegre, salientou que Dico não tem mais vez, pois perdeu o direito que tinha na tribo. Ele nunca ajudou a tribo. Ele diz que luta pela tribo, mas o procedimento dele é só em benefício próprio. O verdadeiro cacique é aquele que luta pela tribo.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

A. Oliveira

Class:

146

Data:

22/10/1984

Pg:

04